

A lógica fálica¹

Miriam A. Nogueira Lima²

A anatomia é mesmo o destino? Quais os pontos teóricos freudianos de onde Lacan parte na elucidação dessa questão? Como alguém chega a se identificar como homem ou mulher se não existe o ser homem ou o ser mulher, em princípio, se o que existe é o ser de fala, o ser falante, ou o fala-ser, como é de uso a tradução do termo *parlêtre*?!

A psicanálise indica que a identificação sexual é antes uma questão lógica, ou lógico-discursiva, que uma questão biológica, ou biológico-anatômica, como se pode ver desde Freud em “Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925/1973). Interessam à psicanálise essas conseqüências psíquicas.

Nessa operação lógica, o operador teórico é o falo, ainda que Freud não usasse empregar o termo falo de forma substantivada, empregando-o mais como qualificativo – fálico. Fase fálica, por exemplo: a terceira da organização sexual infantil, depois da fase oral e da fase anal, na qual há a dominância do falo, como se houvesse um único órgão sexual – o órgão masculino –, isto sendo aceito e reconhecido por ambos os sexos. Daí se dizer que a teoria freudiana da sexualidade infantil é uma teoria centrada no falo, teoria falocêntrica.

Qual é a função do falo, qual é sua lógica? A função fálica e a função paterna se identificam?

O falo, que possibilita ao sujeito orientar-se na diferença sexual, inaugura uma série de conceitos capitais da teoria, na qual cada termo tem uma importância própria. No andar dessa carruagem teórica, de Freud a Lacan, no desenvolvimento (no sentido de desenrolar) da libido e do sujeito falante, na seqüência fase oral (objeto seio) – fase anal – (fezes) – fase fálica – (falo) – complexo de Édipo – castração – metáfora paterna – Nome-do-Pai os termos se articulam.

No escrito “A significação do falo” (Lacan, 1958/1998) é lembrado que na doutrina freudiana o falo não é uma fantasia, um efeito imaginário, não é um objeto parcial, interno, bom ou mau, tampouco é um órgão, pênis ou clitóris, o que ele

¹ Apresentado no Simpósio da IPB no Rio de Janeiro em setembro de 2007 e publicado no livro *Intersecção Psicanalítica do Brasil - As identificações e a identificação sexual*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

² Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil, no Rio de Janeiro.

simboliza. Em Lacan, o falo é afirmado como função significante. Ele é dito como o significante da falta, o significante do desejo do Outro. Lacan esclarece: “uma vez que se trata de um significante, é no lugar do Outro que o sujeito tem acesso a ele” (1958/1998:696).

Na tríade edípica não existem apenas três elementos – pai, mãe, filho. Os lugares são quatro, com a referência fálica ou a intrusão do falo. Se o desejo da mãe é o falo, a criança quer sê-lo para satisfazer tal desejo. Nesse quarteto, o pai simbólico põe em ação a função paterna. Não é o pai imaginário – como a criança imagina o seu pai real – e nem é o pai real porque este, na verdade, não tem importância: função paterna é aquela capaz de mediar o desejo.

Ao resgatar o termo *falo*, que segundo a leitura lacaniana estava perdido nos emaranhados teóricos pós-freudianos, Lacan o elevou à condição de um significante, em primeiríssimo tempo, o significante da diferença sexual, o significante do desejo, como se quer. Primeiro o falo imaginário, depois o falo simbólico. Retomando e revendo a teoria freudiana do Édipo, da castração, ele propõe que a dialética é: ser ou não ser o falo. Esta é a rivalidade fálica.

A passagem do ser ao ter resulta da ação que priva, frustra, proíbe, faz a lei, traz a castração, ou seja, ela opera livrando a criança de ser o falo da mãe. Função de pai simbólico, em primeira e última análise, libertadora afinal.

A dialética proposta no *Seminário O desejo e sua interpretação* (1958-59) na relação do sujeito ao falo é que ou bem o sujeito o é ou bem ele o tem! Isto quer dizer que se o sujeito é o falo – o objeto do desejo de sua mãe – ele não o tem? Ou não tem o direito de se servir dele? É isso mesmo, pois “[...] Ai está o valor fundamental da lei da proibição do incesto [...] se ele o tem, quer dizer, se ele realizou a identificação paterna, pois então, uma coisa é certa, este falo ele não o é” (1958-59: 482). Este é o cerne, no nível simbólico o mais radical, da questão do Édipo, tudo se resume a este “ou bem é ou bem tem”.

Tanto o homem como a mulher, tanto o rapaz quanto a moça, o menino e a menina são falo um para o outro num determinado momento, em certas circunstâncias, em dado contexto. É desse modo articulada a questão no *Seminário De um discurso que não seria semblante* (Lacan, 1971). Pois é isso que os castra, um ao outro. Isso é o real do gozo sexual. “O real do gozo sexual – enquanto é destacado

como tal – é o falo. Ou seja, numa outra maneira de dizer: [...] em outras palavras, o Nome do Pai” (Lacan, 1971: 30).

Chegamos a esse ponto supondo várias etapas anteriores na evolução do conceito, e chega-se também à impossibilidade da relação sexual “que não existe” porque, na teorização lacaniana sobre o real, não há “razão sexual”. Isso quer dizer que há uma impossibilidade de correspondência e complementação sexual entre os animais racionais, os *falantes*. A afirmação “não há relação sexual” se deve à lógica do real enquanto que ele é definido como impossível, inabordável, inassimilável.

Em 24.11.1975, Lacan afirmou em alto e bom som na Universidade Americana de Yale:

[...] A chamada sexualidade fundamental de Freud consiste em observar que o que tem a ver com sexo é sempre mal-sucedido. É a base e o princípio da própria idéia de fiasco. O próprio fracasso pode ser definido como o que é sexual em todo ato humano. É por isso que há tantos atos falhos. Freud indicou, perfeitamente, que um ato falho tem sempre a ver com sexo. O ato falho por excelência é precisamente o ato sexual. Um dos dois está sempre insatisfeito. É preciso dizer a verdade afinal de contas. E é disso que sempre as pessoas falam (Lacan, 1975: 12).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. (1925). “Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia sexual anatómica”. In *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973.

LACAN, J. (1958). A significação do falo. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

———. (1958-59). *Seminário O desejo e sua interpretação*. Publicação não comercial, circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002.

———. (1971). *Seminário De um discurso que não seria semblante*. Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1995-96.

———. (1975). Conferências nos Estados Unidos. Conferência de 24.11.1975. Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1995.

